

De “passatempo de vagabundos” a “esporte da juventude sadia”: surfe, juventude e preconceito em *Fluir* (1983-1988)

Rafael Fortes¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir de que maneira os estigmas que cercam os surfistas brasileiros aparecem nos primeiros anos de circulação da revista *Fluir*, e como são relacionados com as iniciativas, levadas a cabo naquele momento, de organizar, profissionalizar e comercializar o surfe nacional. Por um lado, a revista abria espaço para a discussão de problemas, questões, propostas e soluções. Por outro, defendia, de maneira insistente, a seriedade do surfe e de muitos que estavam envolvidos com ele. Isto se dá tanto pela celebração de iniciativas e acontecimentos considerados positivos quanto pela denúncia e resposta àqueles enquadrados como negativos.

Palavras-Chave: Juventude. *Fluir*. Revista de surfe.

Abstract: This paper aims to discuss the ways by which the stigmas surrounding Brazilian surfers appear in the first years of *Fluir* magazine, and how they relate to the initiatives, taken in to effect at that moment, to organize, to turn professional and commercialize national surfing. On one hand, the magazine opened room for the discussion of problems, questions, proposals and solutions. On the other, defended, insistently, the seriousness of surfings and of many who were involved with it. This is done through the celebration of initiatives and occurrences considered positive, as well as the denouncing and replying to those framed as negative.

1. Introdução

Ao longo do século XX, em diferentes sociedades ocidentais, muitas atividades juvenis foram encaradas como potencialmente perigosas para o *status quo*, fosse *ameaçando* os valores vigentes na sociedade como um todo, fosse balançando as estruturas da classe média. Os exemplos são variados e numerosos, alguns deles se aplicando ao caso brasileiro: movimento estudantil (como os que sacudiram dezenas de cidades em 1968), hip hop, funk, grafite, *cholos*, *hippies*, *punks*, torcidas organizadas etc. (ARCE, 1999; FREIRE FILHO, 2007; HALL e JEFFERSON, 1976).

Se, por um lado, os setores dominantes da sociedade, geralmente articulados com os meios de comunicação, atribuem valor negativo ao comportamento desses grupos (definidos como culturas, subculturas, gangues, tribos etc.) juvenis, com conseqüências de variada

¹ Doutorando em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista da Fundação de Amaro à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj). Contato: raffortes@hotmail.com.

gravidade, podendo até mesmo gerar a extinção de algumas práticas, por outro é comum atividades que em um dado momento são consideradas marginais ou indesejáveis serem, anos ou décadas depois, convertidas pelo capitalismo em um estilo a ser consumido. Apesar da ênfase acadêmica, nos últimos anos, voltada para a atuação da mídia no sentido de “dissolver a desigualdade na diferença”, alguns pesquisadores, sem deixar de reconhecer a multiplicidade de ofertas e a adesão de boa parte dos jovens (inclusive das classes populares) ao consumo, têm enfatizado que há conteúdo e reivindicações políticas nas manifestações juvenis – mesmo que sejam uma minoria, como afirma Ronsini (2004) ao estudar os jovens engajados no hip hop em Santa Maria (RS) (RONSINI, 2007; FREIRE FILHO, 2007).

Sem me atrever a atravessar um pântano teórico denso num artigo com limite de tamanho e cujo foco é apresentar uma discussão parcial sobre o material empírico, é possível sintetizar de forma bastante breve o quadro teórico para abordar o surfe como uma subcultura midiática, aproveitando o cerne da discussão sobre subculturas juvenis levantada nos anos 1970 por estudiosos do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (Birmingham), levando em consideração algumas das críticas feitas à visão dos autores de Birmingham, e buscando reformular o conceito de subcultura, mas evitando aproximar-me de tendências pós-modernas que tendem a minimizar diferenças e desigualdades sociais concretas através do estudo das representações e do consumo (FORTES, 2007; FREIRE FILHO, 2007; AHMAD, 1999; MULHERN, 1999; SCHERER-WARREN, 1999, p. 13).

Há ainda a questão da recepção dos meios de comunicação de massa por parte dos jovens, que (re)interpretam as mensagens, em alguns casos de forma bastante crítica, e se preocupam com a forma como eles próprios e suas falas aparecem em tais meios (RONSINI, 2004; JANOTTI, 2003). E um ponto fundamental neste artigo: a *produção* feita pelos próprios jovens, que pode ter diferentes posturas e graus de articulação frente aos meios massivos.

Fluir foi criada por cinco amigos, todos surfistas, que se cotizaram para fundar a Editora Terra, Mar e Ar, responsável pela publicação. Em linhas gerais, a proposta era firmar-se como principal revista de esportes radicais do Brasil. O objetivo de estabilizar-se comercialmente e obter lucro, porém, não era o único e, segundo a própria *Fluir*, não poderia ser conseguido de forma isolada. Era preciso que o surfe brasileiro se organizasse e estruturasse profissionalmente, de maneira que o surto de interesse pela prática ocorrido no início dos anos oitenta não se restringisse a mais um modismo, como ocorrera por volta de 1977 – e como acabaria ocorrendo com outros esportes em alta na época da fundação, como bicicross e vôo livre.

A ênfase na necessidade de profissionalização deste esporte no Brasil permanece por todo o período abrangido neste artigo. Por um lado, *Fluir* apóia e promove campeonatos profissionais e amadores, apóia intercâmbios entre amadores brasileiros e de outros países, acompanha brasileiros em competições no exterior e até mesmo co-patrocina a ida de um atleta para competir em etapas do circuito mundial na África do Sul. Ademais, abre espaço para a discussão do tema: a) apresenta propostas próprias e de surfistas (profissionais, amadores e iniciantes), simpatizantes, organizadores, empresários, patrocinadores, fabricantes de prancha, técnicos e juízes de competição; b) entrevista surfistas, juízes e dirigentes de destaque da ASP (Association of Surfing Professionals), entidade que organiza o Circuito Mundial de Surfe; c) abre espaço para publicação de resultados de campeonatos – amadores, principalmente – em todo o Brasil e anuncia previamente a realização de alguns deles.

Em suma, o objetivo deste artigo é discutir de que maneira os estigmas que cercam os surfistas brasileiros aparecem nos primeiros anos de *Fluir*, e como são relacionados com as iniciativas, levadas a cabo naquele momento, de organizar, profissionalizar e comercializar o surfe nacional. Se, por um lado, a revista abria espaço para a discussão de problemas, questões, propostas e soluções, por outro, preocupava-se em afirmar, de maneira insistente, a *seriedade* do surfe e de muitos que estavam envolvidos com ele. Isto se dá tanto pela celebração de iniciativas e acontecimentos considerados positivos quanto pela denúncia e resposta àqueles enquadrados como negativos. Embora quantitativamente inferior, é sobre o segundo grupo que me debruço a partir de agora, para discutir como a revista negocia papéis e responsabilidades, às vezes genéricos, às vezes específicos, para os diversos agentes envolvidos no surfe brasileiro – incluindo a atribuição de papéis a ela própria e, tão ou mais importante, investindo-se da prerrogativa de atribuir papéis e responsabilidades aos demais.

2. Drogas, alienação, vagabundagem, violência: lidando com estigmas

Diversas vozes reiteram a necessidade de reconhecimento do surfe como esporte profissional e sério. Picuruta Salazar, considerado por *Fluir*, em seus três primeiros anos de existência, o melhor surfista do Brasil, afirmava: “o Surf é bem visto atualmente e, já é reconhecido como um esporte”.² Porém, o fato de se repetir constantemente que o surfe já é considerado um esporte sério pode ser entendido tanto como um recado àqueles que ainda não se deram conta disso quanto como uma tentativa de auto-afirmação – e a necessidade de afirmar-se costuma sinalizar mais dúvida que certeza sobre o que é dito, seja da parte de quem fala, seja dos que estão à volta.

² Picuruta Salazar, entrevista, *Fluir* 2, nov-dez 1983, p. 33.

O elogio do presente pode ser compreendido também como uma contraposição ao passado. Dizer que o surfe é bem visto “atualmente” sugere que isso não acontecia antes, o que é afirmado por vários agentes. Alguns vão além, responsabilizando a geração anterior pela bagunça e descrédito experimentados pelos que buscam construir uma carreira no esporte:

O pessoal da época [1976-1980] teve muitas oportunidades mas deixou passar essas chances, e além de não ter contribuído em nada, deixou uma péssima imagem para os surfistas. Atualmente estamos quebrando a cabeça para competir aqui fora, no exterior. Se desde aquela época tivesse sido feito um trabalho sério, hoje estaríamos competindo de igual para igual com eles [atletas profissionais estrangeiros].³

Quem fala é David Husadel, surfista profissional que se tornaria uma liderança do surfe brasileiro.⁴ Outros agentes demonstram contundência semelhante ao se referirem à geração anterior, mas até agora não consegui encontrar um nome sequer citado. Como dito na introdução, a consciência de uma oportunidade anterior desperdiçada acirrava os ânimos. Muito se falava sobre não desperdiçar outra chance. Mas a superioridade dos mais novos não era objeto de consenso: o cantor Evandro Mesquita “identifica na nova geração de surfistas uma concepção diferente do esporte, o que gera uma disputa agressiva e por vezes violenta dentro d’água”.⁵

A acusação de alienação é um dos pontos mais destacados. Já na segunda edição, um leitor de Florianópolis afirma que

todos os surfistas deveriam dar força à FLUIR, que pretende mostrar que nós não somos nem criminosos nem alienados, mas muito pelo contrário, conhecemos muito bem o mundo artificial que foi criado para nós: suas estruturas podres e seus sistemas que marginalizam milhares de seres humanos e que criam a GUERRA e a FOME.⁶

O leitor interpreta a chegada do periódico como uma iniciativa para dar credibilidade ao esporte e aos praticantes. A negação da pecha de alienado e a afirmação de “conhecer o mundo” provavelmente diz respeito às críticas de cunho ecológico e contra o *sistema* presentes na edição inaugural – e que se repetiriam em outras. Segundo uma leitora, chamar os jovens de alienados é coisa de “pessoas que têm a mente restrita a certos padrões”, incapazes de “compreender certas [...] manifestações de nós, jovens”.⁷ Os dois casos apontam

³ Bruno C. Alves entrevista David Husadel na Austrália, *Fluir* 16, jul 1986, p. 77.

⁴ Em 1984, aos 21 anos, era vice-presidente da Associação Catarinense de Surf. A ascensão do surf catarinense, Edson Ronchi, *Fluir* 7, dez 1984, p. 78.

⁵ Gente que surfa – Evandro Mesquita, Alceu Toledo Júnior, *Fluir* 13, jan 1986, p. 105.

⁶ Cartas, *Fluir* 2, nov-dez 1983, p. 65.

⁷ Cartas, *Fluir* 3, mar 1984, p. 66.

para o conflito geracional como causa do preconceito, fundado em um certo desprezo por parte dos mais velhos e de sua incapacidade de compreender a nova geração.

Romper a associação, presente no senso comum, entre *surfista* e *maconheiro* fazia parte do esforço para legitimar o esporte, seus praticantes e sua cultura como algo sério, profissional e confiável, em que as empresas poderiam e deveriam investir tranquilamente, sem temer a falta de profissionalismo de atletas ou a associação de sua marca a atividades ilegais e reprovadas moral e socialmente. Dadas as possíveis conseqüências – funestas, sem dúvida – da associação com o uso de drogas para a imagem do esporte, não é de se espantar que tanto revista quanto entrevistados evitem referências ao uso das mesmas. Contudo, a dica de “não usar drogas *para entrar na água*”, dada pelo jovem Tinguinha aos demais surfistas, sugere que o uso era mais freqüente do que as referências a ele.⁸ Na explicação sobre o que é “ser profissional do surf”, um item apontado por outro iniciante na categoria é “nunca tomar drogas”.⁹ Numa espécie de “Credo do Surfe”, um leitor invoca Deus, enaltece as qualidades do esporte e afirma: “tudo isso me faz crer no surf, sem: a maconha, o jeito de vagabundo, a gíria de malandro, *sendo antagônico a maioria dos surfistas de hoje*”.¹⁰ Está ficando barra pesada? Enquanto uns aconselham e outros rezam, Roberto Valério, surfista profissional e dono da marca Cyclone, espeta o dedo na ferida de atletas e empresas: “o que eu vejo é malandrinho ir ao exterior e vender drogas para poder se manter, pegando trocado de patrocinador e tirando onda de patrocinado”.¹¹

Tais passagens, embora numericamente reduzidas, são importantes porque apontam para a existência de um problema – grave – da cultura do surfe que é negligenciado pela revista, a não ser quando se trata de reclamar de perseguição da polícia. A paulista, “na ânsia de encontrar pessoas que portassem drogas”, revistava todos que estavam na entrada, enquanto os ladrões agiam livremente na praia, em Ubatuba.¹² A mesma reclamação frente à revista de carros pela polícia e à insegurança vigente na praia se repete em relação a praias do Rio de Janeiro. A estratégia argumentativa é, por um lado, apresentar a ação policial como uma perseguição sistemática e injusta aos surfistas (“Policiais param todos os carros que têm pranchas em cima”); por outro, contrapor a preocupação de revistar os carros aos furtos ocorridos nas areias e áreas de estacionamento das praias.¹³

⁸ Entrevista a Bruno C. Alves, *Fluir* 3, mar 1984, p. 28. Grifos meus.

⁹ Entrevista com Neno, Alexandre Andreatta e Bruno C. Alves, *Fluir* 8, fev 1985, p. 76.

¹⁰ Cartas, *Fluir* 11, ago-set 1985, p. 20. Grifos meus.

¹¹ Entrevista a Alceu Toledo Júnior, *Fluir* n. 15, mai 1986, p. 88.

¹² 1º. Sundeck Classic – vida nova para o surf brasileiro em Ubatuba, Alceu Toledo Júnior e Carlos Loro, *Fluir* 17, set 1986, p. 51. Um ano depois, a polícia é criticada por repetir a dose, no mesmo campeonato.

¹³ Pedágio na Prainha?, *Fluir* 22, ago 1987, p. 27.

Um problema singular era a postura de vários atletas durante as competições, reclamando constantemente da avaliação dos juízes e das decisões dos organizadores. Um organizador atribui as reclamações à imaturidade do surfista, que fica querendo “arrumar um culpado”, embora “em muitos casos a culpa [seja] do próprio competidor, mas ele não admite essa possibilidade”.¹⁴ Outro chegou a surpreender-se quando, num evento, “não houve nenhuma reclamação mais violenta por parte dos desclassificados, tão comum em campeonatos”.¹⁵ O ímpeto de reclamar das notas e das regras denotava, na visão de *Fluir*, falta de profissionalismo dos atletas, que deveriam obedecer às normas e aceitar pacificamente os resultados das competições, mas muitas vezes sequer conheciam as regras e os critérios de julgamento.

Um último problema associado aos surfistas é a violência. Em alguns casos, há quem afirme que ela é gratuita, como o cantor Léo Jaime: “o surf era uma coisa muito radical, era um lance isolado [...] e os surfistas viviam querendo dar porrada em todo mundo. Só que o surf começou a ficar popular e quando isso acontece o radicalismo vai sumindo em função de que mais pessoas vão se misturando nesse ambiente”.¹⁶ Um sinal de melhora, portanto.

Mas muitos surfistas viam com maus olhos o crescimento do número de praticantes. A disputa acirrada pelas ondas leva a acidentes e brigas. Um editorial afirma:

Assumimos nossa responsabilidade. Os mais antigos que nos desculpem mas, realmente, cada aumento de tiragem de nossa revista corresponde a um aumento diretamente proporcional na quantidade de surfistas presentes nos picos brasileiros. É o famoso ‘crowd’, por sinal cada vez mais insuportável.¹⁷

Por um lado, o gesto humilde de pedir desculpas. Por outro, a ostentação de um sucesso que se podia medir no litoral de todo o país. É óbvio que a expansão de uma publicação não pode ser responsável, sozinha, pelo interesse de milhares de pessoas por aprender um esporte. Mas ajuda, sem dúvida, ajuda a estabelecer parâmetros e despertar interesse em gente de todo o país. O mesmo texto estabelece regras para decidir de quem é a prioridade na onda e evitar brigas – não há como saber se o editor de fato acreditava que suas palavras poderiam se firmar como norma. Criara-se um problema –excesso de surfistas na água –, que, aliado a outros, trouxe novas dificuldades. Havia “total desrespeito e desentendimento entre os próprios surfistas”, convertendo o surfe, “em muitos lugares [...]

¹⁴ Critérios de julgamento parte III, Flávio Boabaid, *Fluir* 7, dez 1984, p. 42.

¹⁵ Atlântida Pro, Ricardo Hecker Luz, *Fluir* 7, dez 1984, p. 142-3.

¹⁶ Entrevista a Alceu Toledo Junior, *Fluir* 14, mar 1986, p. 105.

¹⁷ Editorial, *Fluir* 14, mar 1986, p. 13.

num palco de agitos, gritos, ameaças etc...”¹⁸, onde se desenvolvia “a arrogância, a violência, a richa [sic] com os companheiros”.¹⁹

3. Conclusão

A discussão sobre o papel desempenhado por *Fluir* em relação aos estigmas em torno do surfista permite diversas entradas, como se viu neste artigo. Espera-se que o debate em torno do mesmo contribua para amadurecer as idéias em torno do tema e solidificar a tese de doutorado em construção. Um dos caminhos a explorar é o papel moralizante que a revista assume em certas ocasiões, colocando-se no lugar de quem determina o que é certo e errado e, principalmente, atribui valor positivo ou negativo à conduta dos demais agentes. Em outras situações, a revista atua como mediadora, prestando esclarecimentos, apaziguando os ânimos ou esquematizando para o leitor prós e contras de diferentes pontos de vista, como no caso da greve dos surfistas em janeiro de 1988. Estas funções, obviamente, não são mutuamente excludentes, podendo combinar-se.

Como dito anteriormente, os problemas explorados neste artigo compõem um conjunto bastante reduzido dentro do universo empírico da pesquisa. Até este momento, parece que algumas mazelas são apresentadas com o intuito de serem rapidamente superadas (como o caso do processo burocrático para reconhecimento no CND), ao passo que outras mais graves e profundas, como o localismo e as drogas, são colocadas em segundo plano.

A cobertura enfatiza os aspectos positivos: crescimento do número de praticantes, presença maciça de público nos principais campeonatos, aumento na venda de produtos ligados ao esporte e, claro, da tiragem e dos anunciantes da própria revista. Sendo um produto de mídia, busca atrair a atenção do público e mostrar aos anunciantes que esse público consome. Para cumprir tal meta, os valores nobres associados ao surfe (harmonia com a natureza, desapego a bens materiais, vida natural etc.) são, sem dúvida, mais atrativos para leitores e anunciantes que problemas como falta de educação, violência, localismo, uso e tráfico de drogas. Trata-se de um *negócio*, e quanto mais exemplares vendidos, melhor – mesmo sob o risco de, a manter-se constante o crescimento do interesse pelo público, o surfe da forma como foi conhecido até aquele período ser praticamente inviabilizado. Porém, ainda que a ênfase fosse nos aspectos positivos e que a revista buscasse ser propositiva em relação à tarefa de fazer do surfe algo respeitável e rentável, em certos momentos as dificuldades e, sobretudo, o preconceito vieram à tona.

¹⁸ “Crowd” no surf: afinal, de quem é a onda?, Motaury Porto, *Fluir* 6, set 1984, p. 28.

¹⁹ Cartas, *Fluir* 8, fev 1985, p. 16.

5. Bibliografia

- AHMAD, Aijaz. Problemas de classe e cultura. Em: WOOD, Ellen Meiksins; FOSTER, John Bellamy (org.). *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 107-122.
- ARCE, José Manuel Valenzuela. *Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.
- BOOTH, Douglas. *Australian Beach Cultures: The History of Sun, Sand and Surf*. London: Frank Cass, 2001.
- CUNHA, Delgado Goulart da. *Pescadores e surfistas: uma disputa pelo uso do espaço da Praia Grande*. Dissertação de mestrado em antropologia defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.
- FORTES, Rafael. Subculturas juvenis, comunicação e surfe. Trabalho apresentado no II Congresso de Estudantes de Pós-Graduação do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, PUC, 14-6/11/2007.
- FREIRE FILHO, João. *Reivindicações da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (ed.). *Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain*. London: Hutchinson, 1976.
- JANOTTI JR, Jeder Silveira. Mídia e cultura juvenil: das comunidades de sentido e dos grupamentos urbanos. Trabalho apresentado no 12º Encontro Anual da Compós, Recife, UFPE, 2003.
- MULHERN, Francis. A política dos estudos culturais. Em: WOOD, Ellen Meiksins; FOSTER, John Bellamy (org.). *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 50-8.
- RONSINI, Veneza Mayora. Fluxo midiático e cultura juvenil. Trabalho apresentado no 13º Encontro Anual da Compós, São Bernardo do Campo, UMESP, 2004.
- RONSINI, Veneza Mayora. Mídia, cultura e classe: a ordem da diferença. Trabalho apresentado no 16º Encontro Anual da Compós, Curitiba, UTP, 2007.
- SCHERER-WARREN, Ilse. *Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SILVA, Fernando Alexandre Guimarães da. *Dicionário do surf*. Ilustrações: Andrea Ramos. Florianópolis: Cobra Coralina, 2004.